



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



JUVENTUDES LGBTQIAPN+ E MICROAGRESSÕES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

EIXO TEMÁTICO 22 - JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS: PROBLEMATIZANDO CORPOS, GÊNERO E SEXUALIDADES

Sabrina Fernandes Pereira Lopes¹
Raquel Quirino²

RESUMO

Este trabalho analisa microagressões contra jovens LGBTQIAPN+ em uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Investiga-se como, além de episódios explícitos de violência, estudantes que não se enquadram nas cisheteronormas enfrentam manifestações insidiosas de discriminação, naturalizadas no cotidiano institucional. Foram realizadas entrevistas compreensivas com 25 jovens estudantes e pessoas egressas do Cefet-MG, abrangendo cursos técnicos, graduação e pós-graduação. Os resultados apontam a presença de microataques, microinsultos e microagressões na instituição, além de instrumentalizações de macroagressões. Conclui-se reiterando a urgência de políticas institucionais comprometidas com promoção da diversidade e o desenvolvimento de estratégias de intervenção.

Palavras-chave: Juventudes, LGBTQIAPN+, Educação Profissional e Tecnológica, Microagressões

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa experiências relatadas por estudantes e pessoas egressas de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) acerca da presença da população LGBTQIAPN+ nesse contexto. Embora as narrativas tenham incluído

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, CEFET-MG sabrinafpl@yahoo.com.br;

²Supervisora da Pesquisa. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, CEFET-MG quirinoraquel@hotmail.com.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



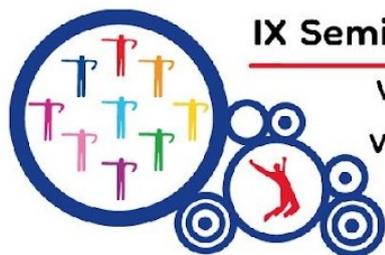
episódios de agressões explícitas, destacaram-se sobretudo as manifestações mais insidiosas da cisheteronormatividade, muitas vezes naturalizadas no cotidiano institucional. A investigação concentra-se nessas expressões veladas de violência, que, mesmo não sendo facilmente identificadas como agressivas pelos próprios participantes, revelaram-se produtoras de consequências negativas multidimensionais.

Esse tipo de situação, em que grupos minoritários são alvo de hostilidades de difícil identificação, frequentemente descritas como não intencionais ou inconscientes, tem sido discutido na literatura a partir da teoria das microagressões (Sue e Spanierman, 2020). Tais estudos têm se concentrado sobretudo no campo da psicologia, evidenciando os impactos negativos das microagressões na saúde mental das pessoas atingidas (Machado e Ferraz, 2024; Almeida et al., 2024).

Em diálogo com a literatura e considerando o contexto capitalista, nossa análise aponta que as microagressões dirigidas a pessoas LGBTQIAPN+ na EPT desempenham um papel na conformação dos modos específicos de exploração dessa parcela da população. A pesquisa, fundamentada em entrevistas compreensivas com 25 jovens estudantes e egressos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), revela a necessidade urgente de superar a concepção das microagressões como incidentes pontuais ou benignos, cuja eliminação ocorreria naturalmente mediante declarações genéricas de apoio à diversidade. Os resultados evidenciam ainda como essas dinâmicas se integram a estruturas mais amplas de poder, reforçando desigualdades tanto no âmbito educacional quanto no mercado de trabalho.

Pensar a Diversidade na EPT

Ao falar sobre Educação Profissional e Tecnológica (EPT), adentramos um campo de disputas, como a definição de seus propósitos. Uma perspectiva alinhada ao pensamento neoliberal subordina a EPT às demandas do mercado e incentiva uma divisão social do trabalho que separa aqueles destinados a executar dos que planejam (Ramos, 2014). Ciavatta e Ramos (2021) expõem essa fragmentação ao traçar um histórico da separação entre formação geral para as elites e formação técnica para a classe



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

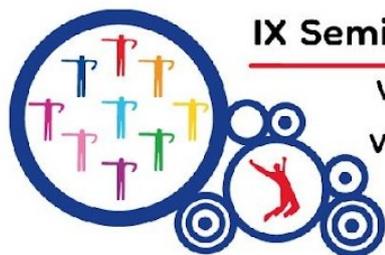


trabalhadora. Essa divisão, porém, não se dá apenas por classe, sendo atravessada por opressões de raça, gênero e sexualidade, que produzem diversas formas de exploração (Nogueira et al., 2020). Um exemplo disso é a divisão sexual do trabalho na EPT, que associa determinadas áreas a homens ou mulheres segundo uma hierarquia de gênero (Lopes e Quirino, 2017). Apesar disso, Ciavatta e Ramos (2011) também apontam a possibilidade de uma EPT voltada à compreensão e superação das relações de exploração na produção.

Ao adotar a perspectiva mencionada, a EPT voltada à formação humana integral, torna-se impossível conceber a emancipação sem considerar a diversidade da classe trabalhadora. Se o objetivo é uma EPT que reflita os ideais da omnilateralidade, ou seja, uma formação “com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo” (Ramos, 2014, p. 94), é essencial reconhecer e atuar sobre as múltiplas formas de opressão. Marcadores sociais da diferença influenciam diretamente a ocupação dos postos de trabalho, como demonstram reiteradamente os indicadores sociais no Brasil: mulheres, pessoas negras e pessoas com deficiência seguem enfrentando menores níveis de emprego e remuneração (IBGE, 2023). A própria escassez de dados dessa natureza sobre a população LGBTQIAPN+ já evidencia a necessidade de atenção a esse grupo. Assim, ao abordar a formação da classe trabalhadora, a diversidade não deve ser encarada apenas como um debate sobre reconhecimento, mas como um elemento fundamental para um ato educativo verdadeiramente emancipatório.

Teoria das Microagressões

Derald Sue et al. (2007) descrevem as microagressões como comportamentos cotidianos que comunicam hostilidade, invalidações, percepções negativas, insultos e depreciações dirigidos a indivíduos marginalizados. Ou seja, são agressões baseadas em preconceitos contra minorias sociais. O sufixo "micro" não indica dano mínimo, mas sua escala como acontecimento entre indivíduos. Já macroagressões referem-se a vieses que reforçam opressões em nível sistêmico ou institucional.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Sue et al. (2021) classificam as microagressões em três tipos: microataques, microinsultos e microinvalidações. Os microataques consistem em ofensas diretas, xingamentos ou comportamentos evitativos que expressam explicitamente preconceito. Os microinsultos referem-se a comunicações que revelam desprezo, insensibilidade ou aversão à identidade da pessoa, geralmente não percebidos como preconceituosos pelo perpetrador. As microinvalidações ocorrem quando a diversidade, experiências diferentes ou a própria existência das opressões são questionadas ou negadas. Enquanto nos microataques o preconceito é consciente, nas outras duas formas pode não ser reconhecido pelo agressor e muitas vezes é de difícil identificação até pela vítima.

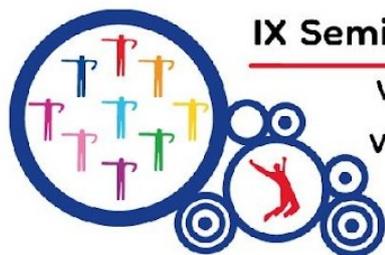
As teorias envolvendo micro e macroagressões surgiram no contexto dos estudos voltados a minorias etnico-raciais (Sue e Spanierman, 2020; Silva, 2020), contudo, são aplicadas a diferentes grupos subalternizados como mulheres (Mizael, 2024; Tavares et al, 2024) pessoas com deficiência (Basu, 2023) e à população LGBTQIAPN+(Nadal et al, 2016; Zarife e Ribeiro, 2023), como também é o caso do presente trabalho.

PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa pesquisa adotou como método principal a *entrevista compreensiva* (Kaufmann, 2013), abordagem adequada para investigar temáticas sensíveis como relatos de violências, pois prioriza a construção de um diálogo horizontal, onde as falas dos participantes são valorizadas como "um saber precioso" (Kaufmann, 2013, p. 81). Foram realizadas 25 entrevistas com estudantes e pessoas egressas do Cefet-MG, selecionados entre jovens de 18 a 29 anos que responderam a um chamado divulgado via e-mail, WhatsApp e Instagram. As entrevistas, agendadas conforme disponibilidade, seguiram um roteiro flexível adaptado durante as conversas. Na análise, seguindo também Kaufmann (2013), elaboramos fichas com reflexões e trechos das falas que subsidiaram o debate.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas abordaram vivências de violências LGBTfóbicas na instituição, seja como vítimas diretas ou testemunhas. Relatos incluíram agressões explícitas, como



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

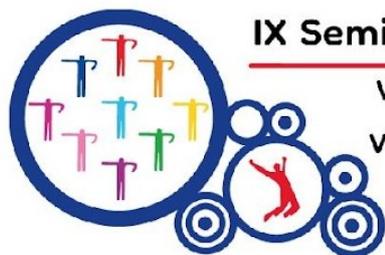
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



a queima de bandeiras LGBTQIAPN+ em evento escolar : "chegou o vídeo de um pessoal tacando fogo..." (E1, EM integrado), ou o assédio verbal a uma aluna trans por um trabalhador da instituição (E2, graduação). Essas narrativas frequentemente incluíram formas de enfrentamento, como o caso em que um grupo que se identificava com diferentes minorias sociais, incluindo LGBTQIAPN+, "se juntou para poder bater" em um colega que proferia discursos nazistas (E3, EM integrado), muito embora não tenham chegado a qualquer embate físico de fato. A criação de vínculos entre estudantes LGBTQIAPN+ também surgiu como estratégia de resistência (Lopes e Quirino, 2025). Contudo, quando se tratava de agressões sutis, o cenário se mostrava distinto. As falas analisadas revelam todos os tipos de microagressões descritos por Sue et al. (2020), além de relatos que demonstram a instrumentalização de macroagressões por indivíduos, particularmente em ações praticadas por trabalhadores da instituição, evidenciando tanto a reprodução de violências quanto a falta de ação institucional.

Os microataques emergiram nas falas como manifestações mais explícitas de preconceito contra minorias específicas, revelando clara intenção discriminatória, ainda que frequentemente mascarada como humor. Nossas análises identificaram dois tipos predominantes: (1) comentários e olhares direcionados a estudantes LGBTQIAPN+ e (2) piadas dirigidas a pessoas cis-heterossexuais, mas baseadas em pressupostos LGBTfóbicos. Ambos os casos demonstram como essas agressões buscam demarcar quais identidades são consideradas "adequadas".

Entre os microataques contra pessoas LGBTQIAPN+, predominaram termos pejorativos ("viado", "bicha", "sapatona"), olhares reprovativos e exclusão social. Já nas agressões superficialmente dirigidas a cis-heterossexuais, identificou-se o uso de termos historicamente ofensivos a identidades dissidentes. Um exemplo foi o relato de E3: homens em um curso tradicionalmente feminino (vinculado ao cuidado) eram chamados de "gays" por colegas de outros cursos como tentativa de desqualificá-los por ocuparem um espaço associado ao feminino.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

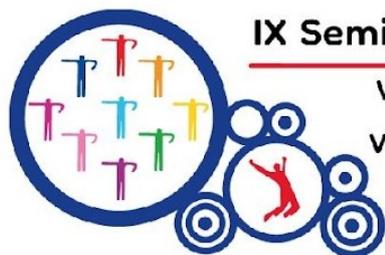
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Em contextos nos quais se espera o respeito à diversidade, Sue et al. (2020) apontam que os microataques, por serem mais perceptíveis e explicitamente contrários à valorização das diferenças, ocorrem principalmente em duas situações: quando o agressor perde o controle emocional ou quando percebe um momento de exceção para agir abertamente de forma discriminatória. Nossos dados corroboram essa análise, como no relato de E4 (pós-graduação): um colega, em momento de irritação, dirigiu expressões homofóbicas a outro estudante na presença de um professor, que não tomou nenhuma providência, reforçando assim um ambiente de impunidade que alimenta a sensação de segurança para novas agressões.

No campo dos microinsultos, identificamos falas e atitudes que rebaixam a população LGBTQIAPN+ ou a associam a estereótipos preconceituosos. Um exemplo que aparece em vários relatos é o dado por E5, que ouviu diversas vezes que "meninas que fazem [curso da área da informação e comunicação] são todas lésbicas", comentário que reduz mulheres LGBTQIAPN+ a um marcador estigmatizante, apagando suas diversas trajetórias. Outra manifestação recorrente é a exotização e hipersexualização, como no caso de E6: um professor interpretou erroneamente as interações acadêmicas de um orientando como assédio, denunciando-o por perseguição. Situação similar aparece no relato de E1, onde colegas brincavam sobre ela usar sedução para obter vantagens de uma professora, reforçando estereótipos lesbofóbicos mesmo em suposta "brincadeira".

Embora microataques e microinvalidações também partam de docentes e demais trabalhadores, a maioria dos agressores relatados são outros estudantes. Contudo, nas microinvalidações, caracterizadas pela negação das experiências específicas de minorias, a figura docente ganha maior relevância. E7 descreve que, em uma disciplina sobre inclusão e diversidade, as questões LGBTQIAPN+ foram completamente ignoradas. E8 conta que um professor ridicularizava em aula uma colega docente de outra disciplina que utilizava pronomes neutros, tratando essa prática inclusiva como desnecessária e exagerada.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



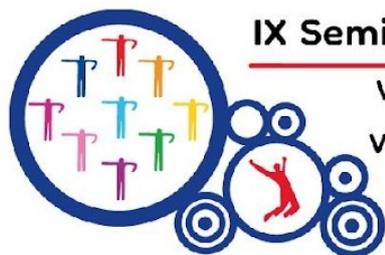
Cabe ressaltar que ocorrem ainda corporeificação das macroagressões nas ações individuais, especialmente nos relatos sobre as dificuldades no uso do nome social na instituição. E9 descreveu um processo longo e desgastante para garantir esse direito, marcado pela falta de preparo dos responsáveis institucionais. Já E10 destacou que, além dos obstáculos burocráticos, era comum professores chamarem estudantes pelo nome morto³, justificando com a ausência de atualização cadastral, demonstrando como a negligência institucional se materializa em práticas cotidianas de agressão.

Por fim, os relatos analisados refletem a persistência de violências nos espaços da Educação Profissional e Tecnológica, atravessadas por uma lógica cisheteronormativa que estrutura relações cotidianas e institucionais. As práticas descritas envolvem diferentes sujeitos e se manifestam em múltiplas instâncias, desde interações interpessoais até formas sutis ou explícitas de silenciamento e exclusão. Essas agressões contribuem para a reprodução da divisão sexual do trabalho, ao delimitar quais corpos e identidades são considerados adequados para determinadas áreas de formação. Como aponta E18, há uma expectativa social naturalizada de que “é função de um homem consertar isso [equipamentos mecânicos]”, ainda que, “possam ter gays que se interessam a essas funções”. Essa percepção ajuda a compreender por que certos cursos acabam reunindo um público mais diverso, enquanto outros seguem operando como espaços de exclusão da diversidade sexual e de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o breve relato do estudo em desenvolvimento feito acima é possível perceber que há evidências de que a cisheteronormatividade contribui para estrutura desigualdades na Educação Profissional e Tecnológica. As microagressões, muitas vezes naturalizadas, afetam a vivência e a trajetória de estudantes LGBTQIAPN+. Os resultados reforçam a urgência de políticas institucionais comprometidas com promoção da diversidade e

³ Nome pelo qual uma pessoa era tratada antes de sua transição de gênero e que ela não usa mais.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



apontam a necessidade de futuras pesquisas que relacionem possíveis estratégias de intervenção.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. P. L.; DAS NEVES, A. L. M.; DOS SANTOS DANTAS, D. Experiências de microagressões contra a identidade não-binária. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 20, p. 121-141, 2024
- BASU, A. et al. Visualizando a deficiência: Vendo o outro lado. **Developmental Medicine & Child Neurology**, v. 65, n. 4, 2023.
- CIAVATTA, M.; RAMOS, M. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Retratos da Escola**, v. 5, n. 8, p. 27-41, 2011.
- IBAHIA (Bahia). Veja expressões homofóbicas para tirar de vez do vocabulário. **Fervor das Cores**. Disponível em: <https://www.ibahia.com/fervodascores/veja-expressoes-homofobicas-para-tirar-de-vez-do-vocabulario-293522>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- LOPES, S. F. P.; QUIRINO, R. Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 10, n. 36, p. 58-71, 2017.
- LOPES, S.; QUIRINO, R. "Eu sou, você também é?": Sociabilidades LGBTQIA+ na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. e-rte341202520, 2025
- MACHADO, H. F.; FERRAZ, T. C. P. Levantamento de Microagressões Contra Minorias de Orientação Sexual e Identidade de Gênero em um Curso de Psicologia. **Cadernos de Psicologia**, v. 6, n. 10, 2024.
- MIZAEL, T. M. Microagressões raciais de gênero experienciadas por mulheres negras: revisão da literatura. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 15, n. 43, 2024.
- NADAL, K. L. et al. Microaggressions toward lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and genderqueer people: A review of the literature. **The journal of sex research**, v. 53, n. 4-5, p. 488-508, 2016.
- NOGUEIRA, L.; PEREIRA, M.; TOITIO, E. R. **O Brasil fora do armário**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**, p. 121-135, 2020.

SUE, D. W.; SPANIERMAN, L. Microaggressions in everyday life. **John Wiley & Sons**, 2020.

SUE, D. W. et al. Microintervention strategies: What you can do to disarm and dismantle individual and systemic racism and bias. **John Wiley & Sons**, 2021.

TAVARES, P. B.; TAVARES, F. G. B.; DO AMARAL SAMPAIO, N. Microataques de Gênero no Ambiente de Trabalho: uma Investigação Empírica. **Póiesis Pedagógica**, v. 22, p. e2024028, 2024.

ZARIFE, P.; RIBEIRO, C. Adaptação e evidências de validade da Escala de Experiências de Microagressões LGBT no Trabalho para o Brasil. **Ciencias Psicológicas**, v. 17, n. 2, 2023.